

O JORNALISMO SENSÍVEL COMO ALTERNATIVA EMPÁTICA AO MODELO TRADICIONAL POSITIVISTA

VICTOR ROCHA¹

RESUMO

Em um cenário comunicacional caótico, verificamos o afeto como ferramenta de desnaturalização a partir da produção sensível de textos informativos. O desenvolvimento de um jornalismo que abre espaço para sua dimensão estética como atrativo e amplificador de visões de mundo, indicando uma aproximação com a arte. A partir da corrente teórica da Análise do Discurso, o “Jornalismo Sensível” foi conceituado como um texto informativo que utiliza subjetividades combinadas nas diferentes etapas do processo jornalístico (sem abrir mão de uma objetividade metodológica) como artifício comunicacional pela pluralização das noções de realidade. Nesse artigo, buscamos compreender essa matriz, que vai além do estilismo autoral dos textos, perpassando a escolha da pauta, a apuração, a produção, até afetar o imaginário e as sensibilidades do leitor, podendo provocar estímulo à empatia.

Palavras-chave: Jornalismo Sensível. Mídia e Cotidiano. Narrativa. Teorias do Jornalismo.

Introdução

A certeza parece importar menos que a velocidade na “era do tempo real”. As notícias se convertem em conteúdo e são produzidas para consumo e descarte rápidos, o que leva os jornalistas a apurarem e publicarem seus trabalhos também de forma acelerada, voltados mais para uma lógica mercadológica produtivista do que para a informação em si (MORETZSHON, 2002; COLVILE, 2016). Do outro lado, temos audiências recebendo quantidades avassaladoras de estímulos enquanto imersas no cotidiano estudado por Agnes Heller (2016), pouco críticas ao que lhes é transmitido e passíveis de um consumo alienado. Muitas vezes, aceitam as informações do jeito que vêm, já que não têm tempo para refletir sobre elas.

As variações tecnológicas e rupturas sociais deste tempo implicam em novas dinâmicas para o jornalismo. A crise no modelo econômico do campo e a queda na credibilidade atribuída às instituições formais pelo senso comum reforçam a necessidade de adaptação. Este artigo busca indicar caminhos para o jornalismo a partir de um apanhado das análises que deram origem à dissertação *Uma retomada do jornalismo sensível: a apresentação de leituras plurais da realidade por um jornalismo dos afetos* (ROCHA, 2020), estudo que repensa a produção informativa nesse contexto caótico de estímulos sensoriais e relativização da verdade.

1 Doutorando e mestre em Mídia e Cotidiano pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e jornalista formado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), com extensão em Jornalismo Econômico pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É também pesquisador vinculado ao grupo Mídias, Redes e Jovens: Usos e Apropriações em Contextos Digitais. Seus interesses de pesquisa são voltados para Teoria do Jornalismo, Narrativa e Educação. Em 2022, publicou o livro “O Jornalismo Sensível: leituras plurais da realidade apresentada pelos afetos.” Atua desde 2013 também como ghost writer (escritor-fantasma), desenvolvendo livros em parceria com seus clientes. Em 2020, foi um dos tutores e curadores do Prêmio Literário do Ensino Fundamental. E-mail: victorn@yahoo.com.br

Por meio do Jornalismo Sensível (JS), problematizamos de que forma o uso consciente da subjetividade como ferramenta jornalística pode contribuir para a construção de uma mídia informativa mais afetiva e efetiva, que desloque seu público do consumo banalizado e desenvolva novas formas de relação com o mundo. Isso passa pela geração de curiosidade (estranhamento), sedução (estética amigável) e aproximação dos sujeitos da comunicação por um reconhecimento que gere confiança. Pelo JS, a mudança de perspectiva atinge toda a produção noticiosa, desde a escolha de pautas, a definição de personagens, métodos de entrevista, até o momento em que se produz a informação. Por fim, no modo como busca afetar o leitor. Não se trata de um gênero, mas de uma forma de pensar as bases do texto informativo, assumindo as complexidades do processo na busca pela transmissão de uma realidade mediada pelo olhar próprio, que propõe trocas e representatividades.

Contemplando sensibilidades

O positivismo surge no século XIX como uma solução lógica para todos os males da época, a ser aplicado na educação, na política e na ciência, e conquistou uma enorme influência intelectual. Auguste Comte foi quem definiu as linhas centrais do que se compreende ainda hoje por cientificismo. O jornalismo, que no século XX procurava se impor como uma forma válida de conhecimento de mundo, não deixaria de beber da fonte positivista para estabelecer sua credibilidade metodológica. Assim, formou-se um modelo padronizado que buscava por um tipo total de objetividade e imparcialidade, foco que limitou o potencial criativo, plural e sensível do jornalismo que conhecemos.

Com o desenvolvimento tecnológico e as dinâmicas sociais, surgem novas oportunidades de experimentação relacionadas ao pensar jornalístico, desde o planejamento da pauta, abordagem, mecânica produtiva, ritmos de narrativa, até o uso estético nas afetações da comunicação. Nesse sentido, o Jornalismo Sensível parece surgir como uma matriz capaz de indicar uma linha de raciocínio para a produção prática de conteúdos informativos que sejam ao mesmo tempo atraentes aos públicos e capazes de ampliar sua percepção sobre o mundo. É uma alternativa à mentalidade moldada no positivismo, verificando potencialidades diversificadas a partir dos afetos, buscando ainda indícios que permitam entender se é possível estimular o receptor para uma visão mais complexa da realidade e a contestar “fatos” que parecem dados.

A pesquisa envolvendo o JS ocorreu entre 2018 e 2020, mas partiu de uma leitura anterior, focada em produções brasileiras contemporâneas que exemplificariam bem os mais diversos gêneros jornalísticos. O estudo foi atravessado pela corrente teórica da Análise do Discurso Francesa, compreendendo que há um complexo processo de constituição durante cada troca de mensagens entre sujeitos, gerando sempre uma “produção de sentidos e não meramente transmissão de informação” (ORLANDI, 2015).

Com esse olhar, foi verificado de que forma é trabalhada a construção do imaginário pelo uso da sensibilidade em publicações de jornalistas nacionais que fogem ao padrão positivista, em uma vasta pesquisa de gabinete acompanhada por entrevistas (olhando para o produto e para a produção). Da jornalista Eliane Brum, foram observados o livro *A vida que ninguém vê* (vencedor do Prêmio Jabuti), um apanhado de 21 textos publicados pelo *Jornal Zero Hora*, 34

participações como colunista na revista *Época* e um ano da coluna publicada no site *El País*. De Fabiana Moraes, o livro *O Nascimento de Joicy*, fruto da reportagem vencedora do Prêmio Esso de Jornalismo 2011. Também foi analisado o especial *A penúria do futebol do Interior em São Paulo*, do jornalista Diego Moura, publicado por *O Estado de São Paulo*. Além disso, investigaram-se dois anos de publicações da revista *Piauí* e as dez primeiras edições de *Realidade* como títulos de propostas sensíveis inseridos no mercado. Duas entrevistas em profundidade complementaram a pesquisa: com José Hamilton Ribeiro, um dos mais premiados jornalistas brasileiros de todos os tempos, que tratou do cotidiano diferenciado na redação de *Realidade*; e Bernardo Esteves, um dos jornalistas mais antigos na redação da *Piauí*, especializado em Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente.

Entre estímulos e percepção sensível

Uma das principais formadoras da percepção que temos sobre a sociedade e o tempo histórico em que estamos inseridos é a produção diária de mídia, como indica Roger Silverstone (2002). Mas isso não se dá de forma sempre evidente. Em um dia a dia conturbado, cheio de decisões, objetivos, problemas e soluções, é natural que se busque automatizar algumas atividades, dentre elas o consumo de informação.

Para Robert Colvile (2016), a velocidade é a grande marca do cotidiano contemporâneo. O autor dedica parte da sua pesquisa sobre *A Grande Aceleração* a compreender como essa mudança de ritmo afeta a mídia. A cultura social globalizada teria caído em uma espécie de vício no consumo da novidade, moldado na ânsia por mais conveniência e conteúdo. Para a produção jornalística, um dos principais impactos dessa “Grande Aceleração” seria a mudança nos ciclos de notícias. O padrão temporal, que era formado pela produção de jornais diários, telejornais periódicos e revistas semanais ou mensais, deixa de ser baseado em ciclos de distribuição para dar espaço ao “tempo real”. A substituição da tradicional procura por *notícias* pela busca de novos *conteúdos* seria um tipo de consequência disso. O autor diferencia os conceitos explicando que a notícia privilegia a informação, enquanto o conteúdo é um produto mais simples, feito para saciar a tão constantemente renovada demanda por estímulos e distração. Essa troca faria com que tanto jornalistas quanto seu público perdessem, aos poucos, a capacidade de ponderar e discernir sobre os acontecimentos (COLVILE, 2016).

Mas talvez não seja necessário negar a velocidade para conviver também com a calma. Colvile (2016) cunha o conceito de *Paradoxo da Aceleração* para explicar esse conflito e observa que, apesar das aparências, ainda há espaço para a contemplação. Os livros mais vendidos vêm se tornando maiores (entre 1995 e 2005, os best-sellers do jornal *New York Times* ganharam em média 100 páginas); as séries de TV se tornaram mais longas e complexas, conquistando um público capaz de assisti-las por horas seguidas; os *podcasts* narrativos propõem em média uma hora imersão por episódio e vêm acumulando cada vez mais adeptos; já os jogos mais populares de videogame levam pelo menos 60 horas até terem sua história principal concluída. Para Colvile, esse é um tempo no qual extremos opostos convivem.

Isto acontece devido a um ponto crucial desta cultura da aceleração: ela não é monolítica. Ainda há espaço para um tipo de canções, ou de músicas, em que se pode mergulhar. De fato, dada a pressão de nossas vidas profissionais, há uma demanda maior do que nunca por este tipo de produto (COLVILLE, 2016, p. 116).

O *Paradoxo da Aceleração* aponta para a ideia de que, ao mesmo tempo em que nossa cultura está se tornando mais rápida e superficial, também se torna mais plural e complexa. Tudo isso, entretanto, de forma polarizada. Neste íterim é que algo se perde e novos espaços surgem.

Podemos tentar compreender essa mudança por meio de Michel Maffesoli (1998). Segundo o sociólogo, há uma revalorização das subjetividades na denominada pós-modernidade, o que traz novos problemas e também novas soluções. Apesar do otimismo do autor, que foca nas comunhões emocionais deste tempo, verificamos empiricamente produtos contraditórios no retorno explosivo dos afetos, quebrando narrativas antes firmadas. Dentre tais rupturas, estariam a desconfiança nas instituições (como a ciência e mídia tradicional), o revisionismo histórico, a expansão das realidades virtuais, o mito sobrepondo a lógica na política e a, recentemente, caracterizada era da “pós-verdade” (quando há prevalência das crenças sobre as evidências). Ao mesmo tempo em que uma realidade pensada pelas emoções pode se tornar mais plural e dilatada, o ser social imerso em uma lógica de consumo acelerado lida com os afetos sem experimentação, e por isso pode facilmente tomar conclusões ou ações sem reflexão.

Nesse contexto, é proposto um olhar menos simplista ao jornalismo. Busca-se uma lógica que amplie o campo, que seja complexa, no sentido dos estudos apresentados por Edgar Morin (1999), indicando a necessidade da quebra do “paradigma da simplificação”, consolidado por uma ciência moderna fragmentadora e especializada. O jornalismo pode ser mais do que uma mercadoria posta ao consumo, expandir-se ao intelecto e ao emocional do leitor. Tornar-se transformador e efetivo, de estímulo reflexivo e social. Ser também sedutor e envolvente, reconhecível como uma experiência estética criada por e para sujeitos criativos, conscientes e críticos. Assim se propõe o JS. Ao aceitar a produção informativa de modo não-binário e entendendo que o sensível também informa, pode-se pensar em produzir textos mais atraentes e imersivos. Esse caminho passa pela amigabilidade estética e pela elevação do jornalismo a aspectos da arte, o que, se pensarmos a partir da socióloga Agnes Heller (2012), indicaria a sua capacidade de induzir uma suspensão do que é naturalizado no cotidiano.

Para ser instigante e estratégico em sua atratividade, o texto sensível não deve abrir mão da novidade e da curiosidade, mesmo em temas corriqueiros. Pode-se reforçar essa ideia por meio do que os Formalistas Russos chamaram de *ostranenie* (estranhamento). Trata-se de uma forma de estímulo à curiosidade e, então, à reflexão inerente ao fazer artístico. Viktor Chklovski (1971) explica a ideia afirmando que a finalidade da arte é dar sensação ao objeto, como contemplação e não como reconhecimento. Assim, o estranhamento é um procedimento de singularização capaz de desfamiliarizar a compreensão que se tem de uma coisa comum. Ou seja, um processo de quebra do que está naturalizado. Pelo estranhamento, seria possível renovar os sentidos em uma particularização que traz curiosidade e efeitos de ineditismo. A partir de um outro olhar sobre o banal é possível estabelecer novos encontros com o mundo.

Maffesoli (1998) defende o uso do que seria uma “harmonia conceitual” na ciência, o equilíbrio entre a razão e a sensibilidade, uma dialética de técnica e experiência por uma melhor compreensão das múltiplas realidades existentes na cotidianidade. Com essa noção, pensa-se o JS como capaz de incentivar olhares mais completos do mundo e do “outro” inserido nele.

Nesse sentido também se trabalha a ideia do jornalista-autor, não aquele que assina a matéria, mas o que imprime sua estética pessoal no produto. O discurso deixa de ser transmitido pela voz de uma instituição para ser pela voz de um profissional disposto a trocar com o seu público. Medina afirma que é pela autoria que se constrói um jornalismo crítico, e não pela objetividade:

O diálogo de mútua revelação educador-educando se constrói no corpo a corpo; a comunicação entre os diferentes se processa por meio das mediações jornalísticas. Em todas essas situações, há o encontro dos afetos: só quando se está *afeto a* ocorre o ato educativo, o ato poético ou o ato comunicacional que, por sua vez, se traduz na sala de aula, na obra de arte ou nas narrativas da contemporaneidade (MEDINA, 2008, p. 93). Para a autora, narrar a partir de sua própria experiência e para a experiência do outro, usando técnicas de pesquisa e entrevista para reconstruir um acontecimento nos imaginários, faz parte de uma "intuição criadora". Personificado, o repórter se torna próximo ao receptor e passível de uma relação de trocas, acertos e erros, e crescimento mútuo. Há uma tendência de reforço a essa perspectiva na contemporaneidade, que pode ser endossada pela queda na credibilidade das instituições e maior confiança dedicada ao outro que se apresenta como pessoa – o *youtuber* ganha espaço diante do apresentador do telejornal, a mensagem de *Whatsapp* passa a rivalizar com o noticiário tradicional. Seguindo o fluxo, o jornalismo se assume relacional em vez de apenas informativo. Passa a comunicar *com* e não simplesmente *para* o público, a compartilhar em vez de transmitir.

As produções mais sensíveis verificadas no trabalho tinham em comum traços claramente autorais e algum nível de poética no texto informativo, passíveis gerar estranhamentos. Por elas, foi possível conceituar que um Jornalismo Sensível seria aquele no qual as subjetividades ganham destaque para seduzir esteticamente a audiência, construindo cenários imagéticos imersivos; que expõe o método jornalístico, aproxima o público do repórter e dos personagens, estimula visões plurais da realidade e propõe trocas entre sujeitos, gerando informação que possa não apenas trazer conteúdo consumível, mas afetar o receptor em um estímulo à reflexão e empatia.

Uma conceituação

Existem diversas perspectivas sobre cada acontecimento em nosso mundo, assim como diferentes formas de informar. Isso pode ser observado no noticiário cotidiano, que mesmo mantendo um gênero e respeitando as técnicas dos manuais de jornalismo, apresenta abordagens diferentes para uma mesma notícia.

Tomemos de exemplo como foi informada a prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em 8 de abril de 2018, nas primeiras linhas de *O Globo* e *O Jornal do Brasil*: "O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva *foi preso* ontem, depois de *se entrincheirar* por quase 26 horas após o prazo final dado pelo juiz Sergio Moro para que *se entregasse*" (*O Globo*, 8 mai. 2018, Capa, grifos nossos); "O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva *se entregou* à Polícia Federal em São Paulo, no início da noite de ontem. Fez exame de corpo de delito e *seguiu* de helicóptero para o aeroporto de Congonhas" (*O Jornal do Brasil*, 8 mai. 2018, Capa, grifo nosso). Ambos privilegiam a informação rápida e objetiva, porém a presença de uma subjetividade editorial na hierarquização dos fatos e na escolha de palavras fica clara, sobretudo nas ações destacadas.

Podemos verificar como os verbos definem percepções alternativas e que a escolha desses verbos é fruto de um processo subjetivo. Recebemos informações e afetos diferentes em cada notícia. Na primeira, Lula é retratado com um fugitivo que havia se escondido entre barricadas para escapar do ato de um juiz. O interdiscurso é policial, e Lula é o bandido. Já na manchete do *Jornal do Brasil*, Lula deixa de ser quem sofre uma ação (de prisão) e passa a ser agente da frase: é ele quem se entrega à polícia, o que traz implícita a ideia de coragem ao invés de covardia. A frase seguinte “fez o exame de corpo de delito e seguiu de helicóptero para o aeroporto” adiciona dignidade ao ato. Lula segue os trâmites legais por vontade própria.

Mesmo que o texto noticioso busque afastamento das demais narrativas de não-ficção por meio de um fetichismo da referencialidade, é impossível negar que a verdade com a qual o jornalismo industrial lida não é mais do que uma representação possível dos fatos reportados e que outras, tão possíveis quanto, também podem ser representadas. Não apenas a palavra é ambígua como também a própria realidade por ela representada, que se perfaz em dobras. Assim, a pretensão de se transmitir a verdade uma jamais passa de pretensão. Adelmo Genro Filho critica o jornalismo que se propõe detentor dos fatos:

Como se os fatos fossem pré-existentes às notícias enquanto realidades factuais unitárias e já dotados integralmente de significação, antes de sua seleção, estruturação e reprodução pela consciência tanto dos jornalistas (repórteres, editores, redatores, etc.) como dos receptores da informação. (...) a dificuldade seria conseguir um acordo sobre o que é verdade, quais são os fatos que merecem ser relatados e sob qual ângulo político, ideológico e filosófico (GENRO FILHO, 2012, p. 167).

É interessante observar que, à parte do jornalismo industrial noticioso, a maioria dos gêneros utiliza lucidamente a subjetividade como ferramenta de informação em vez de negá-la. Cumprindo a função de informar, poderiam incentivar a ampliação da consciência crítica, exatamente por provocarem uma intenção subjetiva que é clara ao leitor. É sobre o que fala Medina ao dizer que “é a pluralidade de vozes e a pluralidade de significados sobre o real que fazem com que a reportagem se torne um instrumento de expansão e instrumentação plena da democracia” (MEDINA apud LIMA, 2008, p. 23).

Os textos de *A vida que ninguém vê* não têm chamadas ou manchetes informativas, mas títulos criativos que alertam a imaginação e a sensibilidade. Técnica parecida é observada na *Piauí*, por exemplo. Tal abordagem serve de estímulo à leitura sem cair no sensacionalismo. Quando nos deparamos com o título *Adail quer voar*, é o estranhamento que nos afeta. Não se trata só da busca por informação.

(...) Porque chegou num ônibus de molas cansadas, emerso da serra gaúcha, onde tinha as mãos manchadas pelo sangue dos pinheirais. Chegou apavorado porque o único avião que vira na vida estava espatifado nas encostas de Canela, pássaro decaído que durante semanas hipnotizou uma legião de colonos que só voavam com os dois pés no chão (BRUM, 2006, p. 28).

No trecho, a sequência de metáforas se mantém ritmada, mostrando uma importância bem maior ao estilismo e às sensações do que a uma descrição detalhada. Mesmo assim, há sempre informação.

Apesar da rigidez gramatical sob a qual se pretende trabalhar no jornalismo, o fundamental é sempre firmar uma comunicação efetiva com o público, o que, muitas vezes, pode subverter a formalidade, abrindo espaço para o uso de gírias, abreviações, modismos e figuras de

linguagem. É necessário que as escolhas sejam motivadas por fatores pragmáticos, o que torna viável, e mesmo aconselhável, explorar os vastos recursos da língua. Deve-se pensar nas variações de linguagem como capazes de auxiliar no desenvolvimento da comunicação, já que elas podem estimular certas noções que ultrapassam os limites de representação frasal simplista. Se o papel do jornalismo é comunicar, cada um destes recursos deve estar à mão, bem como as técnicas e experiências.

Em *Investigações Filosóficas*, Ludwig Wittgenstein (1975) convida o leitor a descrever o aroma do café em uma análise sobre os jogos de palavras. Ele questiona: “Por que não é possível?” Nesses casos, o não dito prevalece. O discurso não é capaz de expressar com a precisão pretendida determinado valor semântico. Ainda assim, existe uma indução de sentidos que parte de uma sensibilidade para se transformar em outra, passando por memórias, referências e imaginação. No jogo da comunicação, as subjetividades precisam ser levadas em conta para que exista uma troca efetiva de sentidos. Uma porção da realidade é transmitida nesse campo.

Ao compreender que o sensível informa, percebemos com clareza como é possível se encantar e aprender pelas poesias, músicas e musicais, chegando à arte abstrata e à música clássica, mesmo que não haja uma estrutura narrativa linear racional e temporal completa em sentido estrito. É o emocional que nos conduz e tudo faz sentido porque faz sentido dentro de nós. É também por isso que somos capazes de interpretar e compreender charges, *memes*, figuras de linguagem, ironias etc. Não por acaso, normalmente são essas formas de linguagem que causam estranhamentos iniciais e fixam as ideias em nossas memórias de forma mais duradoura.

Sabe-se que a experiência estética não se resume à ontologia dos objetos artísticos, ainda que se torne mais evidente por meio deles. Essa forma de contato com o mundo se dá primeiro pela dimensão relacional que convida as sensibilidades a tomarem protagonismo na tarefa da compreensão pela experimentação. É nesse sentido que se propõe dar maior atenção às propriedades técnicas e estéticas em comunhão no campo da comunicação informativa. Vale lembrar que o jornalista faz parte de um processo de produção coletiva, o que reforça o aspecto prolífico do discurso nesse campo.

Dewey (2010) defende que o processo pelo qual determinada coisa é feita, muitas vezes, tem maior valor estético do que o objeto acabado em si. A partir disso, chamamos a atenção para o fato de que pensar todo o processo produtivo como construção sensível é fundamental para o nosso debate em específico. Esse parece um ponto comum entre as produções tidas como sensíveis no escopo da pesquisa referenciada. O compilado de crônicas *A vida que ninguém vê*, de Eliane Brum, é aberto por um prefácio de Marcelo Rech, que compartilha um pouco de sua visão sobre as singularidades da produção da jornalista, determinando que o uso da sensibilidade em cada etapa de seus trabalhos foi fundamental. Rech explica que o processo jornalístico de Brum passava por três momentos decisivos: “no primeiro, talvez o mais crítico por requerer um exercício de precisa inspiração e sensibilidade, recrutava seu tema e definia seu personagem” (RECH In BRUM, 2006), em seguida, vinha a entrevista, a qual tratava com uma “empatia enigmática” que era confiável e profissional ao mesmo tempo. “(...) Olhos, ouvidos e, principalmente, coração aberto diante da informação em estado bruto. (...) A última etapa da página guardava a tarefa mais simples para Eliane – escrever magistralmente (...)” (Ibidem, p. 15).

O mesmo foi explicitado pelo jornalista José Hamilton Ribeiro em entrevista ao trabalho. Para ele, o estágio principal de produção da revista *Realidade* seria o aprofundamento na hora da apuração. Impressão semelhante advém de Fabiana Moraes (2015), que ressalta a importância de um “jornalismo das subjetividades” no posfácio de seu livro dedicado à matéria *O Nascimento de Joicy*. Já em publicações analisadas na revista *Piauí*, esse cuidado ficou evidente quando se constatou um padrão de exposição das metodologias e dificuldades dos jornalistas durante a apuração no próprio texto veiculado.

É importante reparar que a cadeia produtiva jornalística, normalmente, envolve uma sequência de profissionais, além das inserções diretas daqueles que dominam o meio de produção. Ao ter em mente que cada sensibilidade dessa cadeia pode ser usada como ferramenta pela Comunicação, as possibilidades se ampliam. Desse modo, no JS, esquematiza-se o modelo de criação do produto jornalístico como algo complexo: (1) o jornalista (ou um grupo de jornalistas), representando determinada mídia, define as melhores pautas a serem transformadas em informação. As sensibilidades dialogam e têm papel fundamental nessa escolha, assim como a linha editorial do veículo, por exemplo. (2) Munido da pauta já desenvolvida, o repórter designado parte para a apuração. Além de todo o seu aparato técnico e teórico, o jornalista coloca muito de si no processo, sobretudo, do repertório pessoal, vivências, escolhas e sensibilidades. Ele também recebe diversas intervenções que convergem às suas subjetividades no desenrolar da história que será transmitida. Essas influências vêm das fontes, dos personagens, de outros jornalistas envolvidos no processo, até de possíveis dicas de amigos, família ou qualquer outro agente de estímulo criativo e técnico que atravesse a produção direta e indiretamente.

Também nas entrevistas, o processo é relacional. O jornalista é sujeito e representante de uma sociedade, de seus interesses. Nesse sentido, não deve ser passivo, procurando apenas relatar fatos como um mensageiro. Ao invés disso, é interessante que se comova em suas interações, perceba o que se passa ao redor e o que lhe acontece, atue, crie novas perguntas, revolte-se e indague de acordo com as afetações em sua experiência com o outro. Já com o material apurado, (3) o repórter constrói seu produto e tem a oportunidade de carimbar a sua assinatura de maneira mais efetiva. (4) O material produzido sofre alterações de novos sujeitos, editores. Mesmo que esse seja o momento de um olhar técnico, não se anulam as sensibilidades na edição. (5) O produto chega ao destinatário, que o traduz por suas sensibilidades próprias e dá um significado original.

Há um processo de significação retroalimentado, constante e conjugal. Um JS se conforma como práxis por unir dialeticamente teoria e prática em uma cadeia de desenvolvimento material e intelectual continuado, atento à pluralidade das criações e recepções. É uma estrutura produtiva que reconhece suas afetações e seu progresso aliado à prática do campo, sendo a recepção entendida enquanto terreno incontrolável e mutável. Se compreendermos, em Paulo Freire (1996), que não existe transferência de conhecimento, nem mesmo na educação formal, mas sim ambientes onde é possível uma construção conjunta de novos saberes, com troca, crítica e análise; se acreditamos que o jornalismo é uma forma de conhecimento/reconhecimento do mundo, devemos assentir que a perspectiva relacional é fundamental.

É importante verificar que a mídia utilizada para a veiculação do produto final também interfere nas estratégias de comunicação, e deve ser tomada como fator que influencia na dinâmica apresentada e o público é considerado em cada etapa. Nesta cadeia, podemos enxer-

gar uma troca de afetividades, que não substitui nem necessariamente acresce às sensações seguintes, mas que as influencia e desenvolve.

Orlandi (2007) chama a atenção para uma descentralização do verbal na comunicação diante da capacidade de compreensão do silêncio. Essa reflexão nos é cara na medida em que observamos a sensibilidade do texto como algo que extrapola as linhas e caminha de percepção a percepção pelas vias estéticas. O sublime está no movimento, nas condições de produção, em como cada fala e cada silêncio trabalham para que toda essa comunicação seja elevada do material ao espiritual, adquirindo relevância, impacto e perenidade. Também é possível alcançar a humanização do texto, entendida como descreve Antonio Candido:

(...) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CANDIDO, 1995, P. 249)

Por buscar apresentar a realidade em vez de representá-la, compreender um assunto em vez de explicá-lo, pensar o Jornalismo Sensível é também humanizá-lo. Por tanto, esse processo aponta para o desenvolvimento da informação, promovendo novas vias de sentido e representação do real que incluem os rastros do próprio método (expondo o profissional e prática), assim como as imperfeições da vida cotidiana e suas dinâmicas inconclusivas.

Considerações finais

A pesquisa que originou este trabalho partiu de uma inquietação sobre o atual valor da mídia, como ela é consumida e o seu propósito. Além disso, chama a atenção para a mudança de foco e interesse dos novos públicos. Essa noção faz crer que o campo não pode se manter estático sob o perigo de se tornar menos útil. Compreende-se que não há uma fórmula definitiva para o jornalismo, mas é possível contribuir para que novos olhares e perspectivas sejam lançados.

Ao verificar a sensibilidade estética como uma via de aproximação com a arte, o JS indica que um dos caminhos de resistência do jornalismo seria o estímulo ao interesse público, formando indivíduos que se sintam confortáveis em pagar pelo produto. Por isso, trabalha-se sob a perspectiva de que um jornalismo que mantenha função mercadológica e que retome protagonismo social passa primeiro pela descoberta de quais afetos são capazes de mobilizar e impulsionar os sujeitos dos novos tempos. O desafio está em encontrar formatos e abordagens capazes de, por exemplo, despir teorias conspiratórias ou opiniões infundadas, lidar com as frustrações dos sujeitos em negação e ainda assim firmar um interesse genuíno.

Sobretudo no que diz respeito ao repertório de experiências mediadas, é preciso fortalecer a noção de que existe uma inequívoca imprecisão na relação dos sujeitos com o mundo. A pluralidade, os pontos de vista alternativos e o bom estranhamento nas pautas jornalísticas podem induzir caminhos para além do que está estigmatizado. Ao trazer à vista social novos olhares, com humanidade e sinceridade, envoltos por interesse, sensualidade, técnica, profissionalismo e ética, o jornalismo é capaz de fornecer um serviço à comunidade, que é primeiro um serviço

ao outro. Esse movimento refina os ideais de esclarecimento e desenvolvimento reflexivo sobre o mundo, reduzindo a extensa faixa de imprecisão.

O jornalismo não é passível de uma só interpretação teórica porque nem mesmo existe apenas um jornalismo. É necessário pensar o campo por meio de uma sensibilidade interdisciplinar, olhando de forma cruzada produção, produto e recepção em uma formação de redes cada vez mais complexas e, por isso, mais completas. Assim, ultrapassando ideias de gênero, fez-se proveito de análises, entrevistas e uma base teórica multidisciplinar para conceituar o Jornalismo Sensível, posicionamento que prevê o uso das sensibilidades combinadas de forma consciente por uma apresentação melhor acabada da realidade. Entendemos que o uso estratégico das mais diversas técnicas dialógicas pode sempre acrescentar ao meio, apresentar novos formatos úteis às imprevisíveis demandas sociais.

THE SENSITIVE JOURNALISM AS AN EMPATHIC ALTERNATIVE TO THE POSITIVIST TRADITIONAL MODEL

ABSTRACT

Facing a chaotic communicational scenario, we verify the subjectivity as a tool used in the process of facts denaturalization from the sensitive production of informative texts. The development of a journalism that can open space to its aesthetic dimension as a possible attractive and reader's world perspectives amplifier, as an indication of the approximation of the journalistic practice itself to the art. From the Discourse Analysis, the "Sensitive Journalism" was conceptualize as an informative text that makes use of combined subjectivities during the different steps of the journalistic process (that must not be deprived of rationality and methodological objectivity) as a communication tool and pluralization of the concepts of reality. In this article, we seek to understand this matrix, that goes beyond the authorial texts styles, running through the selection of an agenda, the verification, the production, until it gets to affect the imagination and sensitivity of the reader, yet may cause an empathy stimulus.

Keywords: Sensitive Journalism. Media and Everyday Life. Narrative. Affections.

Referências

- BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.
- CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: _____. *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CHKLOVSKI, Viktor. **A arte como procedimento**. In: *Teoria da literatura. Formalistas russos*. Porto Alegre: Editora Globo, 1971.
- COLVILE, Robert. **The Great Acceleration: how the world is getting faster, faster**. Londres: Bloomsbury Paperbacks, 2016.
- DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: Para uma teoria marxista do jornalismo. Série Jornalismo a Rigor, v. 6. Florianópolis: Insular, 2012.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 11. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

LIMA, Edvaldo P. **Páginas Ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. São Paulo: Manole, 2008.

MAFFESOLI, Michael. **Elogio da Razão Sensível** – Textos Filosóficos. Petrópolis: Vozes, 1998.

MEDINA, Cremilda. **Ciência e Jornalismo**: da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo: Summus, 2008.

MORAES, Fabiana. **O Nascimento de Joicy**: transexualidade, Jornalismo e os limites entre repórter e personagem. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2015.

MORETZSOHN, Silvia. **Jornalismo em “tempo real”**: o fetiche da velocidade. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

MORIN, Edgar. Da necessidade de um pensamento complexo. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da (Orgs.). **Para navegar no século XXI**: tecnologias do imaginário e cibercultura (p. 19-42). 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

ORLANDI, Eni. P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**: princípios & procedimentos. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2015.

ROCHA, Victor. **Uma retomada do jornalismo sensível**. A apresentação de leituras plurais da realidade por um jornalismo dos afetos. 2020. 271 f. Dissertação (Mestrado em Mídia e Cotidiano) – Universidade Federal Fluminense, 2020.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Brasil, 2002.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações Filosóficas**. São Paulo: Abril Cultural, 1975, p. 164.

Submetido: 06/05/2021

Aceito: 11/11/2021